

A CONSTRUÇÃO DA ÉPICA DE VIRGÍLIO E O IDEAL AUGUSTANO

Profa. Dra. Márcia Regina de Faria da Silva (UERJ)

RESUMO

A *Eneida* de Virgílio, poeta latino do século I a.C., sintetiza perfeitamente através da visão gloriosa do passado romano a importância das reformas propostas por Augusto no início do Principado. Os ideais augustanos estão representados através da composição do herói Eneias, proveniente da Tróia e destinado a fundar a Nova Tróia que viria a ser Roma. Seus conceitos morais são amplamente identificados com os do Príncipe: a virtus, a pietas e a humanitas, entre outros. Vamos perceber, através da importância do épico, como Virgílio construiu sua epopeia, mantendo o modelo grego, mas adaptando-o aos conceitos morais romanos.

Palavras-chave: 1. Epopeia. 2. Virgílio. 3. Eneida. 4. Período Augustano.

O gênero épico, na Antiguidade Clássica, configura-se como uma narrativa em versos, na qual se descrevem fatos históricos e se exaltam personagens heroicos. Pierre Grimal apresenta a noção de epopeia da época de Virgílio, baseada nos poemas homéricos, *Ilíada* e *Odisseia*, que, apesar de terem diferenças de assunto e estilo, possuem essa designação. Assim escreve:

Esses poemas são “épicas” na medida em que contam feitos de caráter sobre-humano, realizados por alguma das personagens pertencentes à “memória coletiva” das cidades, que estão em relação com as divindades - das quais se originaram e pelas quais são inspiradas - e que vivem em tempos em que o divino e o humano ainda não se distinguem claramente: é o tempo dos “heróis”, dos semi-deuses.¹

A epopeia é, pois, uma narrativa literária na qual fatos históricos são misturados a lendas e a mitos, os heróis aos deuses, criando uma atmosfera de maravilhoso. A etimologia da palavra vem de *epos* (canto, narrativa longa) + *poieo* (fazer), portanto fazer a narrativa. Inicialmente essa narrativa era oral. Só muito tempo depois, são registradas as duas primeiras epopeias, que, como se disse, possuem muitas diferenças em relação ao assunto abordado e ao estilo, mas ambas usam como metro o hexâmetro datílico. E, segundo Aristóteles, em sua *ArtePoética*², o emprego desse metro é característica imprescindível ao poema épico.

Os elementos da epopeia são a ação, o desenvolvimento do assunto, que acontece através de narrativas, descrições e comparações; as personagens que são os agentes (heróis) da ação; o maravilhoso que se manifesta pela intervenção dos deuses.

Como característica do estilo épico poder-se-ia citar o seu caráter universal, visando, portanto, à coletividade. Assim sendo, a poesia épica fala da sociedade como um todo e das aspirações dessa sociedade. Assim, tem-se como tempo da narrativa o passado heroico nacional, no qual a história é grandiosa e os fatos enaltecidos. Esse passado, por conseguinte, está separado do ouvinte e do narrador.

A respeito do início *in medias res* do épico diz Antônio Soares Amora:

A narração épica não devia ser como a história, em linha sucessiva de fatos: devia principiar o mais perto possível do fim do sucesso que dera motivo à obra; e os fatos passados, preparatórios desse sucesso, e os futuros, deviam ser introduzidos na narração, como ampliações do tema...³

Quanto à estrutura, a epopeia tem forma pouco variável e conta com a proposição, em que o poeta expõe o assunto que vai cantar; a invocação, na qual o poeta pede o auxílio das musas; a dedicatória; a narração, que é o desenvolvimento da ação; e o epílogo, em que o poeta faz o fecho da obra.

O que importa ao épico é a narrativa em si, ele quer tudo mostrar e examinar. Com isso, os episódios são autônomos, o autor vai adicionando trechos independentes no correr da obra, que só servem para enriquecer a narrativa, mas que poderiam ser tirados sem prejudicar sua sequência lógica.

Já se mencionou que o narrador está distante do objeto narrado. Portanto, ele aparece como um simples observador que não influencia o ânimo das personagens. Sendo assim, estas podem ter atitudes as mais variadas, dependendo da situação em que se encontram. Ao narrador não cabe julgar os atos das personagens, já que conta apenas fatos passados e aceitos pela coletividade como lendas ou mitos.

¹ GRIMAL, P. (1992) p. 185

² ARISTÓTELES, 1959.

³ AMORA, A. S. (1961) p. 162

Não podemos deixar de elucidar a questão da presença do maravilhoso na poesia épica, que se manifesta através da atuação dos deuses e de fatos sobrenaturais que interferem nos problemas humanos. O principal autor épico latino foi Virgílio.

Sabe-se pouco sobre a vida de Virgílio, sendo suas obras a principal fonte de informações a este respeito. Nasceu a 15 de outubro de 70 a.C., durante o consulado de Pompeu e Crasso. E, quando morreu, a 20 (segundo alguns autores 21 ou 22) de setembro de 19 d.C., o mundo havia mudado e sua cidade, Mântua, não era mais uma província, mas parte integrante da Itália. Os acontecimentos da vida de Virgílio, relatados por outros autores, são incertos, pois tiveram como fonte as próprias obras do poeta e, além delas, poemas de autoria duvidosa contidos no *Apêndice a Virgílio*.

Segundo os biógrafos seu nome seria P. Vergilius Maro, proveniente de uma família modesta. Seu pai teria sido oleiro e, depois, empregado de um funcionário romano subalterno que lhe deu sua filha Magia Polla em casamento e uma propriedade agrícola no burgo de Andes, perto de Mântua.

Seus primeiros estudos foram feitos em Cremona, até a tomada da toga viril, depois disso foi a Milão estudar retórica e filosofia, indo, em seguida, para Roma, onde, talvez devido a sua vida agreste e a sua saúde delicada, não se apresentou como bom advogado e orador, desistindo da carreira.

Através da leitura do *De rerum natura* de Lucrécio e dos ensinamentos de Sirão, em Nápoles, onde viveu vários anos, aderiu ao Epicurismo, decidindo-se a viver no *otium* contemplativo. Aos vinte e cinco anos, depois de já ter começado a escrever, voltou à sua pátria. No momento em que retornou ao lar, Roma passava por momentos difíceis em que Antônio e Otávio lutavam pelo poder. No desenrolar desses acontecimentos Virgílio compôs as *Bucólicas*, também conhecidas como *Éclogas*, compostas de dez poemas imitados de Teócrito, mas que conseguem ser originais pela expressão dos sentimentos do poeta, pelo caráter dos pastores e pela paisagem itálica.

Virgílio durante sua vida manteve-se fiel a algumas ideias epicuristas como a identidade com a Felicidade, o Soberano Bem e a ataraxia, mas também se distanciou de alguns pontos, como o papel do divino no mundo e a sobrevivência da alma, negados por essa escola, além de participar de assuntos públicos e não renunciar à poesia, pois, desde o seu primeiro grande poema, as *Bucólicas*, se refere aos momentos pelos quais o Estado passava, como o caso da expropriação, que ele próprio sofreu e que cita nas *Éclogas*.

Além de não estar totalmente alheio à política, o poeta tinha alguns amigos poderosos e influentes que o protegiam, como Asínio Polião, Cornélio Galo e Alfeno Varo, todos citados nas *Bucólicas*.

O relacionamento de Virgílio com essas pessoas importantes talvez seja justificado pelo conhecimento destes das obras menores do poeta ou “Apêndice a Virgílio”, considerado, por muitos, como não autêntico, que contém as seguintes obras: *Ciris* (ou A garça), *Culex* (ou O mosquito), *Dirae* (As imprecações), *Copa* (A taberneira), *Moretume Catalepton*, que é um conjunto de epigramas. Acredita-se que esses poemas teriam sido escritos até 49, havendo, então, um período de silêncio, provavelmente enquanto o poeta se encontrava em Nápoles com Sirão, só retomando a atividade poética em 42 ou 43 com as *Bucólicas*.

Provavelmente, as dificuldades da família em relação às suas terras e o amor à poesia fizeram com que Virgílio deixasse de lado a meditação filosófica. Além disso, “Lucrécio estava ali para mostrar-lhe que a poesia, ao agir pelo poder de encantamento, podia contribuir poderosamente para a conquista da *ataraxia* e da serenidade”⁴.

Virgílio fez parte de um círculo poético, cujo mentor era Mecenas, pessoa que foi de grande importância na ascensão de Otávio e durante todo o seu governo, agindo como seu conselheiro, porém sem atuar diretamente em cargos públicos. Era muito rico, refinado, elegante e avesso às multidões e atraía para o seu círculo poético os maiores nomes da literatura da época.

Sabe-se que após a publicação das *Bucólicas*, Virgílio já está totalmente inserido no círculo de Mecenas. Pierre Grimal relata os anos seguintes à publicação das *Éclogas*:

Desde a publicação das *Éclogas*, talvez um pouco antes, Virgílio vive à sombra de Mecenas. Todo seu tempo, todos os seus esforços, são dedicados à composição dos dois grandes poemas que completarão a sua notoriedade, as *Geórgicas*, em quatro livros, e a *Eneida*, em doze, que ele não terá tempo de terminar, mas que seus amigos publicarão, a convite de Augusto. São aproximadamente 20 anos de sua vida sobre os quais não sabemos muita coisa (...). Por isso, o primeiro período desses vinte anos é claramente de Mecenas (*Geórgicas*); o segundo, de Augusto (*Eneida*).⁵

⁴ GRIMAL, P. (1992) p. 72

⁵ Ibidem, p. 118-119

Pierre Grimal não quer dizer, certamente, que Virgílio escreveu o que lhe encomendavam, mas que aceitou a sugestão de Mecenas para escrever as *Geórgicas* e a de Augusto para compor a *Eneida*, porque estava de acordo com suas concepções e com sua inspiração.

As *Geórgicas* foram iniciadas em 37 e encerradas em 30, sendo considerada a obra mais perfeita do poeta e uma das obras-primas da literatura universal. Era condizente com a política de Augusto na medida em que cantava as tarefas da paz, especialmente, a agricultura.

Acredita-se que imediatamente após a conclusão das *Geórgicas*, provavelmente em 29 a.C., Virgílio começa a escrever seu poema épico, a *Eneida*.

Virgílio, contudo, morreu sem ter concluído essa obra. Após dez anos, escrevendo-a, resolve visitar a Grécia para aprofundar seus conhecimentos sobre os locais que descrevia. Adoece, porém, sendo conduzido de volta a Roma por Augusto que retornava da Ásia, mas não consegue chegar com vida. Morre, pedindo que queimem os manuscritos da *Eneida*. Augusto, contudo, impede que isso aconteça, exigindo sua publicação no estado em que se encontrava.

Virgílio, na realidade, compartilhava dos ideais de Augusto, como nos diz Ettore Bignone:

E Augusto não teve melhor intérprete que Virgílio: nenhum poeta expressou com maior sinceridade aquele ideal de Augusto de retorno a uma nova vida religiosa, de restauração do trabalho dos campos, de exaltação da antiga fecundidade itálica, de fé e orgulho na eternidade de Roma, atestada na tradição antiga e confirmada nas esperanças recentes.⁶

Entre 29 e 19 a.C., a pedido de Augusto, Virgílio se dedicou a sua terceira e mais importante obra, a *Eneida*, poema épico, sobre os feitos lendários, unidos aos fatos históricos que levaram à fundação de Roma.

Os fatos históricos, resumidamente, são constituídos pela fuga dos troianos, após a destruição de Tróia pelos gregos, e a busca de uma nova terra, na Itália, para fundar uma cidade que abrigaria os Penates troianos e, com o passar dos séculos, geraria uma nova raça que fundaria Roma. Como principal representante dos personagens heroicos exaltados, temos o *pius Aeneas* chefe dos guerreiros troianos.

As lendas de Enéias na Itália são muito antigas. Já no século IV ou V a.C. (450 a.C.) era de conhecimento geral a devoção filial de Enéias, pois é dessa época a estatueta de Veios, mostrando o herói com o pai às costas, e os 70 vasos também encontrados na cidade etrusca de Veios, pintando a saga do herói. Na Sicília, o poeta lírico Estesícoro, no século VI a.C., também menciona em seus poemas a presença do herói na Itália. O historiador lesbiense Helânico, no século V a.C. atesta a salvação dos Penates troianos pelo herói e o historiador Timeu de Teuromênio, no século II a.C., diz ter visto os Penates na Sicília. Contudo, foi o historiador grego Timaios o primeiro a afirmar ser Enéias o criador do Estado Romano e Q. Fábio Pictor, o primeiro historiador Romano, em seus *Anais*, escrito em grego, que estabelece a ligação efetiva entre troianos e romanos, através do herói Enéias. Ligação esta usada e perpetuada pelos primeiros poetas latinos, Névio e Ênio.

Enéiasfoi um herói troiano filho de Anquises e Afrodite. Se, por um lado, descende da deusa do amor, por outro, tem sua origem no próprio Zeus, como afirma Pierre Grimal: “(...) Por parte do pai, filho de Cápis, descende da raça de Dárdano e por conseguinte do próprio Zeus.”⁷

Viveu nas montanhas até os cinco anos, sendo confiado a Alcáto, marido de sua irmã Hipodamia, para ser educado. Na guerra de Tróia, como se pode verificar através da *Ilíada* de Homero se destaca como um grande guerreiro, sendo somente inferior a Heitor. Desde o seu nascimento predições revelam que será um rei e terá uma grande descendência. Segundo Pierre Grimal, assim Afrodite profetiza a Anquises ao se revelar a ele, após partilhar seu leito. Assim também Poseidon relembra a profecia de Afrodite ao salvar o herói na *Ilíada*. Pierre Grimal sintetiza desse modo:

(...) Assim, desde os Poemas Homéricos, Eneias surge como um herói protegido pelos deuses, aos quais obedece respeitosamente, estando-lhe reservado um destino grandioso: nele repousa o futuro da raça troiana. Todos estes elementos serão retomados por Virgílio na *Eneida* e interpretados no quadro da lenda romana.⁸

Desse modo, após a queda de Tróia, o herói parte com seu pai, seu filho Iulo e sua esposa Creúsa para o monte Ida onde teria construído, juntamente com os teucros dispersos, após o massacre dos gregos,

⁶ BIGNONE, E. (1952) p. 196. Tradução feita do original em espanhol: “Y Augusto no tuvo mejor intérprete que Virgilio: ningún poeta expresó con mayor sinceridad aquel ideal augusto de retorno a una nueva vida religiosa, de restauración del trabajo de los campos, de la exaltación de la antigua fecundidad itálica, de fe y orgullo en la eternidad de Roma, atestiguada en la tradición antigua y confirmada en las esperanzas recientes”.

⁷ GRIMAL, P. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1993 p. 135

⁸ Ibidem

uma nova cidade onde reinou, cumprindo-se, assim, a profecia de Afrodite. Porém, segundo uma lenda mais amplamente difundida, que é usada como fonte do poema virgiliano, Enéias teria permanecido por pouco tempo no Ida, partindo, em seguida, para a Hespéria, ou seja, para o Ocidente do Mediterrâneo. Passando por uma série de lugares: Trácia, Macedônia, Creta, Delos, Citera, entre outros, chegando, depois, a Cartago, onde inicia um romance com Dido. Após abandoná-la, aporta em Cumas e, finalmente, chega ao Tibre, onde acontece a guerra contra os Rútulos, relatada na *Eneida*. Vencidos os Rútulos, o herói troiano funda a cidade de Lavínio, desaparecendo, tempos depois, misteriosamente durante uma tempestade. Seu filho Ascânio fundará Alba Longa, chamada por Pierre Grimal de “a metrópole de Roma”. Séculos mais tarde, Rômulo, descendente de Enéias, fundará Roma. Pierre Grimal diz ainda que (...). Algumas tradições obscuras falam de Eneias como o fundador de Roma; outras atribuem-lhe quatro filhos: Ascânio, Eurileonte, Rômulo e Remo, mas é evidente que a versão virgiliana se impôs a todos os escritores e que ela é a única variante sobrevivente depois do século I da nossa era. A lenda de Eneias tinha o mérito de dar a Roma títulos de nobreza, fazendo remontar a estirpe dos seus fundadores às origens dos tempos históricos, atribuindo-lhes antepassados divinos: Zeus e Afrodite. Além disso, a grandeza de Roma parecia ter sido predita pelo próprio Homero. Roma parecia realizar, no seio do seu império, a reconciliação das duas raças inimigas, os Troianos e os Gregos.⁹

Observamos que Virgílio uniu a tradição épica anterior a ele para compor a epopeia dos feitos romanos e da glória de Augusto.

Na Grécia pós-homérica, o hexâmetro foi usado também na *Teogonia*, que contava o nascimento dos deuses, e em *Os trabalhos e os dias*, poema sobre a vida rústica, pretexto para conselhos morais, que foi inspiração para as *Geórgicas*. Encontravam-se, ainda, escritos com esse metro outros poemas: alguns longos, como as *Argonáuticas*, narrativa dos amores de Medeia e Jasão, outros mais breves como os epílios, “pequenas epopéias”, desenvolvidas por Calímaco. Além dessas obras, em Roma, Livio Andrônico traduziu a *Odisséia*, Nêvio escreveu uma epopéia sobre as lutas dos romanos contra os cartagineses, intitulada *Guerra Púnica*, em versos saturninos e Ênio, anos depois, retoma essa epopéia histórica, ampliando-a, em *Anais*, já em hexâmetros datílicos. Muitas eram, portanto, as obras que tinham a denominação de épicas. De acordo com Grimal:

Vê-se que o termo epopéia abrangia, no tempo de Virgílio, muitas realidades diversas. Contudo, havia uma ou duas características comuns, além da forma métrica. O relato refere-se a um momento do mundo em que está em formação um aspecto duradouro deste: alguma coisa que nasce, uma grande reviravolta, um devir determinante. Por essa razão, o tom da epopéia é o mais elevado possível, é “sublime” por excelência, pois refere-se aos assuntos mais grandiosos e aos interesses mais altos(...) Por extensão, a epopéia também narrará a formação do mundo...¹⁰

Virgílio, ao escrever a *Eneida*, possuía essas várias obras como fontes de inspiração: as tradições homéricas, os modelos alexandrinos e a obra de Ênio que detinha então o título de “Pai” da poesia romana.

E novamente com as palavras de Grimal:

Virgílio podia escolher. Preferiu realizar, mais uma vez, uma síntese: na *Eneida*, haveria um romance de amor, como nas *Argonáuticas*, a história de Dido e Enéias; haveria navegações, como na *Odisséia*(...); também haveria, naturalmente, combates, tratados como duelo entre chefes, segundo o modelo da *Ilíada*; os deuses interviriam, tomariam partido, seriam obrigados por Júpiter a respeitar os Destinos, como na *Ilíada*, mas também seriam encontradas lendas, destinadas a “explicar” ritos ou aspectos, monumentos da Roma contemporânea do poeta, como nas pequenas epopéias de Calímaco. Mas o que não haveria - a não ser por alusões - seria a história recente de Roma.¹¹

Na *Eneida*, vê-se que Enéias representa todo o povo romano, especialmente, Otaviano, que representa, por sua vez, a Roma gloriosa, acima de todos os outros povos.

Ao contrário das epopeias homéricas em que o poeta exalta os heróis do passado para que os do presente possam imita-los. Na *Eneida*, observa-se que a exaltação dos valores do passado fazem com que se note, mais claramente, que o Império na figura de Augusto coaduna-se perfeitamente com esses valores, justificando-se, assim, a glória romana da época do autor através da descendência troiana.

⁹ GRIMAL, P. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1993, p. 136.

¹⁰ GRIMAL, P. (1992) p. 187

¹¹ *Ibidem* p. 190

Segundo Pierre Grimal: “O herói do poema será Enéias, claro, mas este se erguerá antes de Roma, no alto de uma linhagem que, de condutor de homens a triunfador, vem dar em Otávio.”¹²

Na *Eneida*, o poeta segue a prescrição das epopeias de começar *in medias res*, ou seja, no meio dos acontecimentos. O canto I mostra Enéias em meio a uma tempestade que o levará com seus navios a Cartago. Observa-se, portanto, que ele já está perto de seu destino final, a Itália. A história pregressa da queda de Tróia até a chegada às costas da África, contendo as previsões divinas para a fundação da nova Tróia, é contada através de uma regressão, que é a longa fala de Enéias sobre suas desventuras a pedido de Dido.

O herói virgiliano difere totalmente dos heróis homéricos, pois ele traduz os principais valores romanos, pensando sempre na coletividade e em seu destino, não na glória pessoal, na *arete* grega. Ele possui, ao contrário, a *uirtus* que todo *uir* romano possui, buscando ser um homem direito, honesto, reto e conveniente. Sua valentia e coragem são qualidades de caráter não de força. Temos, assim, na *Eneida*, um herói que vai ao encontro do seu Destino, predito por sua mãe Vênus, reiterado por Júpiter, porém retardado por Juno. É um herói estoico que transparece pela *pietas*. O *pius Aeneas* demonstra obediência irrestrita aos deuses e aos superiores, mesmo que isso possa trazer-lhe infelicidade. Ele apresenta-se como um homem de missão e um herói da paz, que as circunstâncias levam à guerra. Não realiza as próprias ambições, somente cumpre seu dever com justiça, comiseração e fidelidade.

A religião transparece durante todo o poema, mas uma religião diferente da homérica. Apesar do gênero exigir a presença de deuses, estes aparecem só em sonho, como Mercúrio no IV canto, ou disfarçados, como Vênus no I canto. Apesar de se mostrar estoico, como já falamos, a filosofia epicurista influencia nesse ponto, pois as aparições dos deuses não são epifanias, mas aparições do espírito, mais do que dos sentidos ou da realidade carnal. Contudo, notamos um panteísmo estoico, através da presença de deuses homéricos como Juno, Júpiter, Vênus e Apolo aliados a cultos populares e locais, atestados por divindades como Ninfas Laurentinas, Rio Tibre e Fauno.

Virgílio que se mostra epicurista nos dois primeiros poemas, afastando-se do epicurismo justamente em relação ao papel da divindade no mundo, negada pela escola, mostra na *Eneida* toda sua crença de que através da oração haverá a ajuda da divindade, como vemos no canto V, no momento do incêndio das naus, porém sua religiosidade apresenta-se mais intimista e, por isso, seus deuses não são demasiado antropomórficos e tornam-se símbolos, especialmente, aqueles provenientes do sincretismo religioso com a Grécia. Assim, Juno representa o símbolo da obstrução de Enéias, justificado pela tradição homérica e pelo apego a Cartago; Apolo revela-se o oráculo, que transmite a autêntica emoção religiosa do poema, como vemos no canto VI; Júpiter reconcilia a concepção homérica da divindade à noção de livre arbítrio e existência do destino.

A filosofia mostrada no poema sintetiza as visões da época. Vemos uma filosofia do mundo, através da revelação de Anquises, no VI canto, e uma filosofia da História, que mostra o destino de Roma, prenunciado no I canto. Para isso, Virgílio aprofundou-se em estudos de filosofia e religião, especialmente nos escritos órficos e nas doutrinas escatológicas.

O tempo da narrativa não é linear, é cíclico, mostrando pleno conhecimento do poeta da doutrina pitagórica, que já havia usado na IV Écloga, referindo-se aos grandes meses e anos. Esse tempo cíclico também se encontra na ideia dos *saecula*, como renovação do mundo, na qual de baseia os *Ludi Saeculares* e que remonta ao ideal de Augusto de mostrar que sua era é um retorno à idade de ouro.

O poeta incorpora o aedo-vate, o poeta-profeta, trazendo o ideal de que o poeta é o portador de uma mensagem que o ultrapassa, que vem do mais profundo do ser e, por isso, é o porta-voz dos deuses. Essa tradição estabelece a união entre filosofia e poesia no seio do poema virgiliano.

Vemos, assim, que Virgílio sintetiza toda tradição épica anterior adaptando-a aos valores religiosos, morais e filosóficos de sua época e integrando-se perfeitamente aos ideais políticos de Augusto e do novo regime político romano, o Principado.

BIBLIOGRAFIA:

- AMORA, Antônio Soares. *Teoria da literatura*. 4^a.ed. São Paulo: Clássico-Científica, 1961.
ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. São Paulo: Difusão européia do livro, 1959.
BIGNONE, Ettore. *Historia de la literatura latina*. Trad. Gregorio Halperín. Buenos Aires: Editorial Losada, S.A., 1952.
BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*. Petrópolis: Vozes, 1993
GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Lisboa: Edições 70, /s.d./
_____. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Trad. Vitor Jabouille. 2^a ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A.. 1993.

¹² GRIMAL, P. (1992) p. 192.

_____. *Le siècle d'Auguste*. Paris: Presses Universitaires de France, 1955.

_____. *Virgílio ou o segundo nascimento de Roma*. Trad. Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Trad. S. J. Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*. II volume - cultura romana. 2^a.ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.